



## **Filosofia do ensino de filosofia: *cidadania filosófica* para o ensino de filosofia**

*Gilvanio Moreira\**

**Resumo:** O trabalho visa problematizar e discutir a questão da razão de ser de uma Filosofia do Ensino de Filosofia, cujo núcleo gira em torno das falas de autoras e autores que, desde a chamada “virada discursiva acerca do ensino de filosofia”, apresentam “estudos sobre o próprio fazer filosófico, sua definição e contornos próprios, em suma, uma metafilosofia” (Von Zuben, 2022, p. 10). Tais estudos demonstram que “uma vez que os problemas metafilosóficos constituem o Ensino de Filosofia, as questões didático-metodológico-formativas só podem ser pensadas e respondidas dentro do escopo da própria Filosofia” (Velasco, 2022, p. 11). Tendo isto em vista, o objetivo do artigo é perguntar pela possibilidade de uma *cidadania filosófica* do ensino de filosofia. Essa cidadania é vista aqui como autonomia a partir da qual, embora em diálogo com outros campos de conhecimento, a própria área de Filosofia toma o tema de seu ensino como objetivo e o assegura do *direito* à singularidade e especificidade do próprio filosofar e o aprender filosofia. Para tanto, com o intuito de oferecer um tratamento introdutório para discussão, analisaremos três pontos: (1) Filosofia da Educação e Filosofia do Ensino de Filosofia: duas subáreas distintas?; (2) Filosofia do Ensino de Filosofia, um conceito; e (3) *Cidadania filosófica* ao ensino de filosofia.

**Palavras-chave:** Filosofar; Filosofia; Ensino de Filosofia; Formação Filosófica; Cidadania Filosófica.

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor em Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: [gilvanio.moreira@ufca.edu.br](mailto:gilvanio.moreira@ufca.edu.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1839034316461409>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6446-5275>.

### **Philosophy of teaching philosophy: *philosophical citizenship* for philosophy teaching**

**Abstract:** The work aims to problematize and discuss the question of the reason for being of a Philosophy of Philosophy Teaching whose core revolves around the speeches of authors who, since the so-called “discursive turn around the teaching of philosophy”, present “ studies on philosophical practice itself, its own definition and contours, in short, a metaphilosophy” (Von Zuben, 2022, p. 10), which demonstrate that “since metaphilosophical problems constitute the Teaching of Philosophy, the didactic-methodological-formative issues they can only be thought about and answered within the scope of Philosophy itself” (Velasco, 2022, p. 11). With this in mind, the objective, therefore, is to ask about the possibility of a *philosophical citizenship* of philosophy teaching in which, based on its dialogue with other fields of knowledge – for example, the field of Philosophy of Education –, the Philosophy itself, as a field of study that can guarantee its teaching the right to the uniqueness and specificity of philosophizing itself, to focus on philosophizing and learning philosophy. To this end, in order to offer an introductory treatment for discussion, we will analyze three points: (1) Philosophy of Education and Philosophy of Philosophy Teaching: two distinct subareas?; (2) Philosophy of Philosophy Teaching, a concept; and (3) *Philosophical Citizenship* in philosophy teaching.

**Keywords:** Philosophizing; Philosophy; Teaching Philosophy; Philosophical Training; Philosophical Citizenship.

### **Filosofía de enseñanza de la filosofía: *ciudadanía filosófica* para la enseñanza de filosofía**

**Resumen:** El trabajo tiene como objetivo problematizar y discutir la cuestión de la razón de ser de una Filosofía de la Enseñanza de la Filosofía cuyo núcleo gira en torno a los discursos de autores que, a partir del llamado “giro discursivo en torno a la enseñanza de la filosofía”, presentan “estudios sobre la propia práctica filosófica, su propia definición y contornos, en definitiva, una metafilosofía” (Von Zuben, 2022, p. 10), que demuestran que “al constituir los problemas metafilosóficos la Enseñanza de la Filosofía, las cuestiones didáctico-metodológicas-formativas sólo pueden ser pensadas en ellas”. y respondida en el

ámbito de la propia Filosofía” (Velasco, 2022, p. 11). Teniendo esto en cuenta, el objetivo, por tanto, es preguntarse por la posibilidad de una *ciudadanía filosófica* de la enseñanza de la filosofía en la que, a partir de su diálogo con otros campos del conocimiento –por ejemplo, el campo de Filosofía de la Educación–, la propia filosofía, como campo de estudio que puede garantizar a su enseñanza el derecho a la unicidad y especificidad del propio filosofar, a centrarse en filosofar y aprender filosofía. Para ello, con el fin de ofrecer un tratamiento introductorio a la discusión, analizaremos tres puntos: (1) Filosofía de la Educación y Filosofía de la Enseñanza de la Filosofía: ¿dos subáreas diferenciadas?; (2) Filosofía de la Enseñanza de la Filosofía, un concepto; y (3) *Ciudadanía Filosófica* en la enseñanza de la Filosofía.

**Palabras clave:** Filosofar; Filosofía; Enseñanza de la Filosofía; Formación Filosófica; Ciudadanía Filosófica.

## Introdução

Nos últimos anos, tem-se visto crescer um amplo debate acerca da problematização sobre o ensino de filosofia visto pelo olhar do campo da *Filosofia da Educação* e pela perspectiva de uma *Filosofia do Ensino de Filosofia*. Com efeito, tal debate tem contribuído fortemente para que pesquisadores, pesquisadoras e profissionais da área possam avaliar as possibilidades efetivas concernentes aos limites e especificidade inerentes à filosofia e seu ensino.

Quanto a essa discussão, é possível verificar ao menos duas questões, tidas como importantes para se pensar o ensino de filosofia.: a primeira diz respeito à fundamentação teórico-filosófica acerca de seu ensino; e a segunda gira em torno das questões didático-metodológicas. Esses temas se articulam e se movimentam dentro do campo de estudos recentemente denominado Filosofia do Ensino de Filosofia, uma metafilosofia a partir da qual a própria área se volta sobre si mesma, refletindo sobre sua essência e seu ensino.

A partir desse ponto, surge a seguinte questão: se, ao longo da história do pensamento, a Filosofia exerceu e ainda exerce um papel central na investigação dos fundamentos das ciências e do conhecimento em geral, por que delega a outros campos a reflexão sobre seu próprio ensino? Será a Filosofia (enquanto área) incapaz de cumprir essa tarefa? Seria ela incapaz de fundamentar não apenas o conteúdo que ensina, mas também as metodologias e finalidades de seu ensino?

Com essa indagação preliminar, colocamos o seguinte problema: a fim de garantir sua especificidade, isto é, sua singularidade, deve a área da Filosofia e seu ensino ganhar *cidadania* e assumir a autorreflexão sobre seus métodos pedagógicos, questionando o “como”, o “por que” e o “para quê” de seu ensino?

Partindo nessa direção, com o intuito de situar o leitor e oferecer um tratamento conceitual mais adequado para a discussão, apresentaremos três pontos: (1) Filosofia da Educação e Filosofia do Ensino de Filosofia: duas subáreas distintas?; (2) Filosofia do Ensino de Filosofia, um conceito; e (3) *Cidadania filosófica* para o ensino de Filosofia.

### **Filosofia da educação e Filosofia do Ensino de Filosofia: duas subáreas distintas?**

Inicialmente, a ideia de uma Filosofia do Ensino de Filosofia parece tomar para si todas as questões relativas ao seu ensino, distanciando-se completamente de outras áreas de pesquisa que, historicamente, têm se dedicado a refletir sobre o papel e a importância de uma educação filosófica em sala de aula, tal como, por exemplo, a Filosofia da Educação.

Contudo, se partirmos do princípio de que toda forma de ensino-aprendizagem implica uma relação direta com algum tipo de didática, logo chegaremos à conclusão de que não há como negar uma comum relação entre o campo da Filosofia da Educação e uma Filosofia do Ensino de Filosofia. Considerando suas grandes áreas, podemos até dizer,

parafrazeando Paulo Freire (1996), que tanto a Educação como a Filosofia operam, indubitavelmente, com formas de transformação e intervenção no mundo. Aliás, para Luckesi, “as relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase “naturais” (Luckesi, 1994, p. 31).

Nesse ponto, surgem novas inquietações: mas afinal, se tanto um campo quanto outro refletem sobre objetos semelhantes (a questão da didática, por exemplo), qual a diferença entre uma Filosofia do Ensino de Filosofia e a Filosofia da Educação?

A respeito do tratamento dado ao ensino da filosofia pela Filosofia da Educação, Silvio Gallo comenta:

Da forma como tenho pensado, o ensino de filosofia não se confunde – e não pode se confundir – com a filosofia da educação. São áreas totalmente distintas. Se na filosofia da educação temos um trabalho filosófico para pensar o campo problemático da educação, com uma amplitude e complexidade de temas e problemas, no ensino de filosofia temos um trato específico sobre os meandros de se ensinar e aprender a filosofia e o filosofar. [...] Penso que o “lugar natural” do ensino de filosofia seja na filosofia, mesmo porque, no Brasil, se configurou a filosofia da educação no campo da educação e não da filosofia (Gallo, *apud* Velasco, 2022, p. 18).

Ao que parece, o tema do Ensino de Filosofia, sua relação com o campo da Filosofia da Educação, comporta uma complexidade que nos exige as mais variadas estratégias de entrada no problema. Por um lado, não há como negar que a relação Filosofia e Educação se sustenta desde os primórdios do pensamento ocidental: ela está presente nos preceitos socráticos ligados a vida cotidiana e exercício do pensamento; nas propostas de uma *Paideia* platônica;<sup>1</sup> no pensamento educacional esboçado pelo filósofo Rousseau; ou até mesmo numa pedagogia kantiana. Por outro

---

<sup>1</sup> A título de exemplo, em *A República* (livro II), visando a educação dos mais jovens, Platão se pergunta como é possível trans-formar tudo o que é injusto no que pode ser justo (justiça/*areté*).

lado, ainda que esse encontro seja inegável, no que diz respeito à fundamentação teórica e sua prática em sala de aula, há que se pensar os limites dessa relação, bem como os problemas ligados à adoção de uma didática geral para o ensino de filosofia.

Tendo isto em vista, inicialmente podemos considerar que, diferentemente de uma didática que reflete e elabora estratégias educativas para um fazer aprender e ensinar em geral, uma *didática filosófica* projeta-se numa direção de sentido na qual não apenas acolhe a ação pedagógica, mas, principalmente, se movimenta para dentro do escopo que resguarda a singularidade da filosofia, seu ensino. Nesse caso, a guinada de uma *didática geral* para uma *didática estritamente filosófica* representa uma tomada de posição que vai de um ensino de filosofia visto pelo olhar da Filosofia da Educação para uma perspectiva inerentemente própria a um ensino visto pelas lentes de uma Filosofia do Ensino de Filosofia. Por sua vez, fundamentalmente, essa virada é de uma Filosofia da Educação para uma Filosofia do ensino de filosofia.

Contudo, esse giro investigativo não se constitui como um abandono das questões didático-metodológicas, mas, significa, dentro da singularidade própria à filosofia, uma consideração à sua aprendizagem. Tal reviravolta de perspectiva não pergunta apenas pelos critérios de ensinabilidade, isto é, o que pode ser ensinado em filosofia, para quem e quais as possibilidades abertas de seu ensino, mas, muito além da organização de conteúdo, das estratégias metodológicas e a avaliação da aprendizagem, “Investiga os problemas específicos do ensino de filosofia, os quais giram em torno da seguinte questão: o que se ensina quando se ensina filosofia?” (Agratti, *apud* Velasco, 2022b, p. 349).

A pergunta pela especificidade do campo, isto é, o que faz com que ele seja o que é, nos revela que o “Núcleo problemático do ensino de filosofia consiste, nesse viés, em perguntas como ‘o que é filosofia?’, ‘a filosofia é ensinável?’, ‘podem conviver distintas formas de ensinar filosofia ou há uma única maneira de ensiná-la?’” (Agratti, *apud* Velasco, 2022b, p. 349).

Dado que o sentido de Filosofia abrange uma ampla gama de significados e envolve diversos pressupostos em sua aprendizagem, uma Filosofia do Ensino de Filosofia se propõe a explorar questões que se desenvolvem em torno de diferentes abordagens metodológicas (sejam elas temáticas, históricas ou problemáticas). Para além disso, assim como desde há muito a Filosofia questiona seus próprios fundamentos, aqui ela investiga o que define sua própria essência e a do seu ensino. Em outras palavras, uma Filosofia do Ensino de Filosofia questiona o que faz com que uma filosofia seja o que ela é, e o que faz com que seu ensino seja o que ele é em sua essência.

Quando vista por esse ângulo, a discussão sobre as possibilidades de cada área (Filosofia e Educação) parece nos impelir a dizer que, se há alguma diferença entre o ensino de filosofia tratado pela subárea da Educação e *estritamente* tratado pela própria área de Filosofia, uma dessas diferenças se dá porque, enquanto a Filosofia pergunta o que é isto – a filosofia? –, a Filosofia da Educação “Explicita a problemática educacional” (Saviani, 2021, p. 29); seu valor e sua situação, questionando, dentro de um âmbito mais amplo, *o que é e como* se dá a noção de *formação* dentro de uma determinada cultura. Ou seja, a Filosofia da Educação reflete “Sobre os problemas que surgem nas atividades educacionais, seu significado e função, [ela é] uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta” (Saviani, 2021, p. 11-23). A filosofia, por sua vez, tem uma tarefa, um sentido de ser na Educação, porém, esse sentido já é a própria área da Educação refletindo “filosoficamente” sobre seu campo, seu significado e função, e não *singularmente* acerca do ensino da filosofia.

### **Filosofia do Ensino de Filosofia, um conceito**

Após mais de dois mil anos de história da filosofia parece incontestado que a trajetória de um grande pensador ou pensadora sempre foi marcada por dúvidas, porquês e inquietações. Nesse contexto, o filosofar

sempre foi o resultado de uma admiração específica; um tipo de afinação que nos inquieta não somente em relação aos problemas do mundo e da existência, mas também diante da espantosa pergunta: *mas, afinal, o que é isto, a filosofia?*

De fato, desde há muito não faltam palavras para tentar descrever o que é essa abertura para o mistério que nós chamamos de filosofia. Husserl, por exemplo, comenta que, de início, a filosofia surge como uma postura indagadora. A partir dessa atitude propriamente extraordinária, os seres humanos se reinventaram, se reconstruíram e questionaram a ordem geral do mundo. Munida desse caráter fundamental, a filosofia se torna ciência universal, “A ciência da totalidade do mundo, da unidade total de todo o existente” (Husserl, 2002, p. 49).

Dilthey, por sua vez, diz que o filosofar é algo que permanece em constante movimento, uma atividade inacabada. E isso porque “Até aqui nunca se colocou toda a experiência plena, completa e não mutilada à base do filosofar” (Dilthey, 2014, p. 157). Para ele, a filosofia está estabelecida na estrutura do ser humano, “Cada um, não importa em que posição se encontre, está compreendido em alguma aproximação em relação a [filosofia]” (Dilthey, 2014, p. 63). A todos e todas, portanto, compete a possibilidade do filosofar.

Edith Stein observa que a filosofia se apresenta como uma espécie de “*Philia*, uma amizade, quase uma erótica do saber” (Stein, 2010, p. 8). Para a filósofa pernambucana Maria do Carmo Tavares de Miranda, a filosofia “Indaga o fundamento de todas as coisas e rompe com as interpretações costumeiras, não pelo gosto da contradição ou do insólito, mas pelo *amor de redescobrir o mais profundo* e oculto da realidade que a faz ser o que ela é” (Miranda, 1991, p. 12).

Em Hegel, a filosofia é compreendida como ciência da verdade, ela “Se propõe compreender o que é imutável, eterno, em si e por si: o seu fim é a verdade” (Hegel, 1999, p. 387). A filosofia se mostra, portanto, como “A doutrina da verdade absoluta [...] é a ciência da sua necessidade: é conhecer por conceitos, não é opinar nem deduzir uma opinião de outra” (Hegel, 1999, p. 388-390).



Por seu turno, Deleuze e Guattari nos fazem compreender que filosofia é, antes de tudo, “A arte de formar, de inventar, de fabricar conceito” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 8). E, no entanto, ela nunca é

uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados, produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11).

Para Aspis e Gallo, a filosofia é um movimento de “Desnaturalização do nosso pensamento cotidiano, fazendo com que nós o coloquemos sob suspeita” (Aspis; Gallo, 2009, p. 43)<sup>2</sup>.

Em Descartes, a filosofia é aquilo que nos “Distingue dos mais selvagens e bárbaros, [...]” (Descartes, 1997, p. 16). Não filosofar, não praticar filosofia é o mesmo que “Ter os olhos fechados e nunca procurar abri-los” (Descartes, 1997, p. 16).

Conforme o conceito universal de filosofia em Kant: “A filosofia é a ciência da relação de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana (*teleologia rationis humane*)” (Kant, 2001, p. 839). Ela “É o conhecimento da razão por conceitos” (Kant, 2001, p. 733). Por isso, “O papel da filosofia é fazer ver na mais clara luz todos os passos da razão” (Kant, 2001, p. 738).

De acordo com Wittgenstein, “A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos” (Wittgenstein, 1968, p. 76). Ela “Não é teoria, mas atividade”; e o seu maior papel é “Tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados” (Wittgenstein, 1968, p. 76).

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que, pensando na esteira dos filósofos franceses Deleuze e Guattari, Silvio Gallo observa que se assumirmos a “perspectiva de que o específico (a “identidade”) da filosofia está no ato da criação de conceitos e que estes, por sua vez, referem-se a problemas, a discussão e a prática do ensino de filosofia deverão, necessariamente, passar pelo conceito e pelo problema, chaves para esta discussão e esta prática” (Gallo, 2012, p. 56).

Se, no entanto, regressarmos até a antiguidade, veremos que, conforme Platão, a filosofia não é nada assim como um conceito solto no ar. Ao contrário, em sua base vigora um modo de afinação própria ao filosofar. Essa disposição, segundo o filósofo grego, é a admiração. Por isso, lê-se, no *Teeteto*, que “A admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a filosofia” (Pl., *Tht.*, 155d, 1988, p. 20).<sup>3</sup>

Tempos depois de Platão, os estoicos e os epicuristas construíram formas diversas de conceber o que se chamava por filosofia. Segundo Diógenes Laértios, os estoicos “Comparavam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física” (Laértios, 2014, p. 190). Ou então, “Comparam-na a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física” (Laértios, 2014, p. 190). Os epicuristas, por sua vez, dividiam a filosofia em três partes: “A canônica, a física e a ética e [ela tinha] por seu fim a imperturbabilidade da alma (*Ataraxia*)” (Laértios, 2014, p. 288).

Pelo que se percebe, ao longo da história do pensamento, a filosofia ganhou muitos nomes. Ela já foi chamada de prudência, sabedoria, ciência e até mesmo de arte. No entanto, todas essas tentativas apenas nos evidencia o seu caráter labiríntico e enigmático. No fim, a filosofia não é nada que se diga assim tão facilmente. Ainda assim, se tivéssemos que ensaiar algumas palavras, diríamos que a filosofia, isto é, o filosofar, nada mais é do que uma tentativa criativa de tornar visível o que está invisível aos olhos do cotidiano.

Entretanto, se recorrermos uma vez mais ao período clássico, veremos que, assim como fez Platão, Aristóteles, no livro I da *Metafísica*, toca em um elemento essencial caro à filosofia. Diferentemente da definição apresentada por muitos filósofos, segundo o Estagirita, em sua

---

<sup>3</sup> Sobre essa passagem, Diógenes Laértios comenta: “Num sentido especial sabedoria significa para Platão também filosofia, que é o anseio pela sabedoria divina” (Laértios, 2014, p. 99).

inicialidade, a filosofia se deu como admiração, como um *páthos* enquanto um ser tomado por uma perplexidade, inquietação<sup>4</sup>.

Considerando esse traço essencial caracterizador da filosofia e, tendo em vista que ser humano já significa filosofar<sup>5</sup>, o pensador alemão Martin Heidegger atesta esse testemunho ontológico e ratifica que o questionamento filosófico surge a partir de uma disposição; de uma atmosfera afetiva; de um certo espanto que nos faz filosofar a respeito daquilo que nos rodeia.

Consequentemente, para este autor, “Filosofia é filosofar e nada além disso” (Heidegger, 2009, p. 11). Ela nem é uma coisa, tampouco um conceito, mas, enquanto disposição essencialmente humana, uma “Possibilidade finita de um ente finito” (Heidegger, 2009, p. 4).

Argumento esse que, a propósito de uma Filosofia do Ensino de Filosofia, parece nos indicar algo importante, pois, ao afirmar que todo o ente humano filosofa, isto é, que ser-no-mundo já significa filosofar, Heidegger nos diz que, de alguma forma, o ente humano sempre habita na proximidade da filosofia. A filosofia, nesse caso, encontra-se por toda a parte e, claro, em parte alguma.

Se, então, ao ser-no-mundo já pertence a ação de filosofar, praticar filosofia significa colocar a experiência do pensamento em fluxo.

Do mesmo modo, se tomamos essa ideia por analogia, podemos dizer que ensinar filosofia é o mesmo que deixar que o outro explore e experimente o que já possui em si. Aqui, a aprendizagem da filosofia se dá de modo muito peculiar, na qual aquele que aprende “Toma, no fundo, aquilo que já tem” (Heidegger, 1987, p. 79). E ainda, se, de fato, o ato de

---

<sup>4</sup> Assim diz a passagem: “De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da *admiração*, na medida em que, inicialmente, ficavam *perplexos* diante das dificuldades mais simples, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo” (Aristóteles. *Metafísica*. Ed. Bilingue: Grego/Português. Trad. Giovanni Reale. São Paulo. Ed. Loyola, 2002. I, 2, 982b1, p. 12 (Grifo nosso).

<sup>5</sup> Conferir: HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. São Paulo. Martins Fontes, 2009, §1.

ensinar se constitui como gesto pedagógico de entregar; o que é entregue, porém, não é o ensinável, mas as possibilidades de realização das potencialidades filosófico-criativas de cada estudante.

Diante de tal situação, um professor-filósofo tanto pode suprimir as possibilidades originárias que pertencem ao ser (cuidado) de cada aluno, como também, ao se antecipar à sua antecipação, silenciar-se e, nesse recuo, ao invés de corromper o seu lugar e impedi-lo de sua realização filosófico-existencial, libera-o para que ele seja o seu poder-ser, o seu ser-si-mesmo mais próprio. Em outras palavras, munido desta atitude *não substitutiva*, o professor pode ajudar o aluno “A tornar-se [...] transparente a si mesmo e livre para [filosofar]” (Heidegger, 2009, p. 179)<sup>6</sup>.

Portanto, no que diz respeito ao seu ensino, o filosofar reside nos detalhes, e é justamente esse detalhe que o caracteriza como aprendizagem.

Essa noção de ensino-aprendizagem, pensada enquanto movimento de pôr o filosofar em curso, pode ser experimentada no caminho de diálogo crítico e criativo com a história da filosofia, por meio de uma abordagem temática e, além de outras investidas didático-filosóficas, através do tratamento de problemas filosóficos; o que inclui o debate e problemática acerca das questões e temas abraçados pelas mais diversas

---

<sup>6</sup> O tema da “preocupação antepositiva”, cujo desdobramento é analisado a partir das possibilidades impessoais e singulares frente a outrem, é delineado por Heidegger na seguinte passagem do § 26 da obra *Ser e Tempo*: “[A preocupação] pode, por assim dizer, retirar o “cuidado” do outro e tomar-lhe o lugar nas ocupações, *saltando para o seu lugar [einspringen]*. Essa preocupação assume a ocupação que outro deve realizar. Este é deslocado de sua posição, retraindo-se, para posteriormente assumir a ocupação como algo disponível e já pronto, ou então dispensar-se totalmente dela. [...] Essa *preocupação substitutiva*, que retira do outro o “cuidado”, determina a convivência recíproca em larga escala e, na maior parte das vezes, diz respeito à ocupação do manual. [...] Em contrapartida, subsiste ainda a possibilidade de uma *preocupação que não tanto substitui o outro*, mas que *salta antecipando-se a ele [vorausspringt]* em sua possibilidade existencial de ser, não lhe retira o “cuidado” e sim para devolvê-lo como tal. Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura [*Sorge*] propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura, transparente a si mesmo e *livre para ela*” (Heidegger, 2009, p. 178-179, grifo meu e do autor).

formas de filosofia, seja ela canônica, não canônica, ocidental, oriental, ecosófica, feminista, decolonial, africana, ameríndia etc.

Enfim, tudo o que foi exposto até agora nos mostra que, da mesma forma que a Filosofia pode refletir sobre si mesma e seus problemas, ela também pode pensar os fundamentos filosóficos da ação formativa de seu ensino.

Assim, se é próprio da filosofia perguntar pelos fundamentos, uma Filosofia do Ensino de Filosofia pergunta pelo fundamento de si e de seu ensino. Nesse caso, ela investiga o que constitui a essência da filosofia e o que define a verdadeira “natureza” de seu ensino. Dito novamente, uma Filosofia do Ensino de Filosofia é o movimento da própria filosofia, ela mesma, tomando para si, pensando e refletindo sobre o seu próprio ensino. Ela pergunta, *filosoficamente*, o que ensinar (conteúdos), *para quem e como* (didática filosófica), mas, *especialmente*, sobre seu fundamento e as possibilidades originárias de seu ensino.

### ***Cidadania filosófica para o ensino de filosofia***

Após analisar uma possível distinção entre uma Filosofia do Ensino de Filosofia e a Filosofia da Educação, e ensaiar alguns primeiros passos sobre o ensino de filosofia pensado dentro do escopo filosófico, resta-nos agora tratar da pergunta pelo significado de uma cidadania filosófica para o ensino de filosofia.

Em princípio, pensada na direção do ensino de filosofia, o conceito de *cidadania filosófica*<sup>7</sup> diz respeito às questões como uma maior abertura e alargamento de “um campo de pesquisa autêntico, apto a reivindicar espaços na área da filosofia e de seus direitos institucionais científicos”

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada por Silvio Gallo em GALLO, Sílvio; DANELON, Márcio; CORNELLI, Gabriele (Org). *Ensino de Filosofia: Teoria e Prática*. Ijuí: Unijuí, 2004, 9-12 e pela professora Patrícia Velasco na mesa de debate sobre o “Ensino de Filosofia como campo de conhecimento: revendo o cânone filosófico”, por ocasião da semana Anpof (2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UfxksF8B-oY>. Acesso em: 22 fev. 2024.

(Rodrigo; Gelamo, 2021, p. 820)<sup>8</sup>. Bem como a necessidade de um tratamento específico para o ensino de filosofia; onde a própria área, enquanto campo de estudos que pode assegurar ao seu ensino o *direito* à singularidade própria ao filosofar, toma para si as questões sobre o ensinar filosofia e o aprender a filosofar; onde a própria área de filosofia toma para si o seu ensino como problema filosófico e abraça uma perspectiva que vira-e-volta do pedagógico para o filosófico<sup>9</sup>, cuja base “Reposiciona a função do professor e promove um estatuto filosófico à sua prática” (Rodrigues; Gelamo, 2021, p. 845). Para Cerletti, tal “Mudança de perspectiva amplia notavelmente o campo filosófico porque agora a filosofia deverá reconhecer como próprio o problema de sua transmissão ou de seu ensino [...]” (Cerletti, 2003, p. 66).

Sobre essa questão, Silvio Gallo observa que a ideia de uma autonomia do ensino de filosofia tem a ver com “Um movimento de dar cidadania, no território da Filosofia, à problemática do ensino que, até aqui, só encontrava asilo no território da educação” (Gallo, 2004, p. 10).

---

<sup>8</sup> Para a discussão sobre a importância da conquista de território e espaço institucional próprio à área de ensino de filosofia, vide: RODRIGUES, A.; PELLOSO GELAMO, R. Ensino de filosofia: notas sobre o campo e sua constituição. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 813–853, 2021. Ainda sobre o problema da garantia de recursos e de espaço institucional próprio ao ensino de filosofia é preciso dizer que, segundo Velasco, “A área em questão não consta nas agências de fomento à pesquisa e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país e, igualmente, não nomeia qualquer uma das linhas de pesquisa dos 43 programas acadêmicos de pós-graduação em Filosofia vigentes até 2018” (Velasco, 2022, p. 3). Para mais, vide: VELASCO, Patrícia Del Nero. O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras. *Pro-Posições*. Campinas, São Paulo, v. 33, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qkr7MFLVxyCh6kPcfMtV4pK/abstract/?lang=pt>

<sup>9</sup> De acordo com Velasco (2022b), o marco inaugural dessa *viragem copernicana do ensino de filosofia* se deu a partir do “Debate realizado no âmbito do I Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia, ocorrido em Piracicaba (SP), em novembro de 2000. Essa virada discursivo-filosófica do ensino de filosofia ganhou um novo e decisivo impulso no Brasil com a homologação do novo texto da LDB, em 2008, no qual as disciplinas Filosofia e Sociologia foram incluídas como obrigatórias nos currículos do Ensino Médio” (p. 343-344). Acerca desta discussão, também vide: AGRATTI, L. Apuntes para pensar un giro copernicano en el enseñar a enseñar filosofía. In: GRAU, O; BONZI, P. (eds.). *Grafías filosóficas*. Problemas actuales de la filosofía y su enseñanza. Santiago de Chile: Universidad de Chile-Unesco, 2008, p. 535-541.

Quer dizer, embora seja inegável que esse território a partir do qual o ensino de filosofia encontrou asilo tenha desenvolvido e continua a desenvolver uma série de pesquisas que contribuem significativamente para a área, a pergunta, ainda em jogo, questiona se já não é o momento da própria área de Filosofia tomar para si a implicação que lhe é devida, considerando os melhores e mais adequados métodos, abordagens, conceitos e teorias, isto é, o fundamento filosófico (e não apenas legal) do seu ensino e todo conjunto de práticas de pesquisa que faça vir à tona uma formação filosófico-pedagógica<sup>10</sup> que reflita a especificidade e singularidade própria à filosofia.

O pressuposto da importância de uma *cidadania filosófica* para o ensino da filosofia surge, então, a partir da reivindicação de direitos institucionais, bem como a problemática ligada à inviabilidade da adoção de uma didática geral para o seu ensino. Afinal, quando tratado a partir dos pressupostos de uma didática geral, o ensino da filosofia corre o risco de não receber uma intervenção mais direcionada para a especificidade e singularidade própria à área da filosofia. Nasce daqui a necessidade de um tratamento filosófico para o ensino da filosofia, de um ensino de filosofia visto e tomado legitimamente enquanto problema filosófico. A esse respeito, La Salvia observa que:

Ao tomar o ensino de filosofia como problema filosófico, estamos assumindo que a filosofia possui particularidades ao se pensar sua didática e propedêutica que se materializam em questões/problemas como: qual definição de filosofia tomo como ponto de ancoragem para minha prática de ensino? Quais as implicações filosóficas de certas escolhas metodológicas – por exemplo, fazer leitura de texto filosófico, usar de debates, usar imagens como sensibilização para problemas filosóficos? (La Salvia, *apud* Velasco, 2022, p. 10).

---

<sup>10</sup> Nesse contexto, vale ressaltar uma possível distinção entre formação e educação filosófica, sendo a primeira pertencente a reflexão que gira em torno da própria formação do professor de filosofia, tratada na sua especificidade pedagógica, e a segunda no que se refere ao seu espaço e campo de atuação na educação básica.

A pergunta por um tipo de formação que é cercada por problemas de natureza estritamente filosófica parece apontar para a necessidade de uma especificidade no tratamento de seu ensino. O que parece inegável, nesse sentido, é que o que caracteriza o ensino de filosofia, visto como “Um campo complexo de problematização filosófica, com teorias e questões singulares” (Cerletti, 2009, p. 90), é uma prática apoiada no tratamento de problemas ligados à seara filosófica. Em vista disso, “Uma vez que os problemas metafilosóficos constituem o Ensino de Filosofia, as questões didático-metodológico-formativas só podem ser pensadas e respondidas dentro do escopo da própria Filosofia” (Velasco, 2022, p. 11).

Ao que parece, um dos motivos para que uma didática geral não possa alcançar essencialmente o modo de ser específico do ensino de filosofia se daria porque *stricto sensu* ela não se ocupa com o caráter filosófico propriamente inerente ao ensino-aprendizagem em filosofia.

Também nesse sentido, uma Filosofia da Educação, cujo objetivo abrange algo muito mais amplo do que as particularidades pertencentes a filosofia, apenas oferece um tratamento *lato sensu* a este tipo específico de ensino. Antes pelo contrário, como já foi dito, se a didática própria da Filosofia é, por si mesma filosófica, seu ensino também deve ser permeado por problemas de natureza singularmente filosófica.

Tema esse que traz à tona, como bem observa Patrícia Velasco (2019), a necessidade e importância da criação nos mestrados acadêmicos em filosofia de uma subárea com linha de pesquisa em Filosofia do Ensino da Filosofia. Subárea essa que subsidiaria a licenciatura com a especificidade de suas pesquisas acerca da problematização filosófica das concepções de filosofia e sua relação com ensino-aprendizagem<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Para essa questão vide: VELASCO, Patrícia Del Nero. Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte. *Revista estudos de filosofia e ensino*, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.cefet-rj.br/index.php/estudosdefilosofiaeensino/article/view/419/298>; VELASCO, Patrícia Del Nero. O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras. *Pro-Posições*. Campinas, São Paulo, v. 33, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/pp/a/qkr7MFLVxyCh6kPcfMtV4pK/abstract/?lang=pt> e Ruggiero, G. La formación de los profesores de Filosofía u la paradoja del “giro filosófico”. *Educar en Revista*, Curitiba, Brasil, n. 46, out./dez. 2012, p. 102.



Essa questão evidencia uma última pergunta, ainda sem resposta: embora muitas das pesquisas desenvolvidas sobre filosofia e seu ensino tenham adquirido lugar nos cursos de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) – bem como no âmbito do Mestrado Profissional em Filosofia –<sup>12</sup>, em se tratando da fundamentação teórico-filosófica, a pesquisa sobre o ensino de filosofia no Brasil se movimenta e se articula dentro do próprio escopo filosófico? É ela singularmente filosófica, ou muito mais de fundo didático-pedagógica?

Por fim, ao que parece, a *razão de ser* de uma Filosofia do Ensino de Filosofia, pergunta não apenas pelos critérios de ensinabilidade, isto é, *o que* pode ser ensinado, *para quem* e *como*, mas, também, pela possibilidade de uma *cidadania filosófica* do seu ensino. Essa cidadania é vista aqui como autonomia a partir da qual, embora em diálogo com outros campos de conhecimento, a própria área de Filosofia toma a questão de seu ensino como objetivo e o assegura do *direito* à especificidade do próprio filosofar e o aprender filosofia.

### Considerações finais

A intrincada discussão sobre as possibilidades pertencentes à subárea de pesquisa analisada neste artigo revela a complexidade das especificidades envolvidas no tratamento do ensino de filosofia.

De fato, como observado nos tópicos introdutórios deste trabalho, a suposta distinção entre Filosofia da Educação e Filosofia do Ensino de Filosofia não é tão simples. No entanto, conforme demonstrado, talvez seja possível concluir que, devido à sua singularidade, um enfoque mais direcionado ao ensino de filosofia se mostre mais adequado para a produção de uma formação filosófica em sala de aula.

Nesse contexto, a apresentação de uma estrutura e da rede conceitual correspondente a uma noção de Filosofia voltada para o ensino

---

<sup>12</sup> Para ter acesso aos projetos de pesquisa do PROF-FILO, vide: <https://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/area-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa/>

teve a intenção de demonstrar a razão de ser de uma área que questiona seu próprio fundamento e as possibilidades de seu ensino.

Por fim, o debate sobre a possibilidade de uma *cidadania filosófica* para o ensino de filosofia destaca a necessidade de um tratamento específico para o seu campo, onde a própria área se apropria de seu ensino como um problema filosófico, adotando uma perspectiva que transita entre o filosófico e pedagógico.

## Referências

- AGRATTI, Laura. Apuntes para pensar un giro copernicano en el enseñar a enseñar filosofía. In: GRAU, Olga; BONZI, Patricia (Eds.). *Grafías filosóficas. Problemas actuales de la filosofía y su enseñanza*. Santiago de Chile: Universidad de Chile-Unesco, 2008. p. 535-541.
- ASPIS, Renata; GALLO, Silvio. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Alta Mídia e Educação, 2009.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Trad. Ingrid Müller. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CERLETTI, Alejandro. Filosofia/educação: os desafios políticos de uma relação complicada. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). *Ensino de Filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CERLETTI, Alejandro. Ensino da filosofia e filosofia do ensino filosófico. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Orgs.). *Filosofia do Ensino de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DILTHEY, Wilhelm. *A Essência da Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DESCARTES, René. *Princípios de filosofia*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- FÁVERO, Altair; RAUBER, José; KOHAN, Walter. Apresentação. In: FÁVERO, Altair; RAUBER, José; KOHAN, Walter. *Um olhar sobre o ensino de filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papirus, 2012.

- GALLO, Silvio *et al.* *Filosofia do ensino de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GALLO, Silvio. Apresentação. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Orgs.). *Ensino de Filosofia: teoria e prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- GALLO, Silvio; DANELON, Márcio; CORNELLI, Gabriele (Orgs.). *Ensino de Filosofia: Teoria e Prática*. Ijuí: Unijuí, 2004.
- GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. Apresentação. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 24, n. 64, p. 253-256, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000300001>.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?* Lisboa: Ed. 70. 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- HUSSERL, Edmund. *Crise da humanidade Europeia e a Filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- KANT, Immanuel. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- KOHAN, Walter Omar (Org.). *Ensino de Filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LAËRTIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: UNB. 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. *Caminhos do Filosofar*. Recife: Ed. Massangana, 1991.
- PLATÃO. *A república*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: UFPA, 2003.
- PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: UFPA, 1998.
- RODRIGUES, Augusto; GELAMO, Rodrigo Pelloso. Ensino de filosofia: notas sobre o campo e sua constituição. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 35, n. 74,

p. 813–853, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v35n74a2021-62439>.

RUGGIERO, Gustavo. La formación de los profesores de Filosofía u la paradoja del “giro filosófico”. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 46, P. 99-112, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000400008>.

SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum a consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2021.

STEIN, Edith. *La filosofía existencial de Martin Heidegger*. Trad. Rosa M. Sala Carbó. Madrid: Ed. Trotta, 2010.

VELASCO, Patrícia Del Nero (Org.). *Ensino de – qual? – Filosofia: ensaios a contrapelo*. Marília: Oficina Acadêmica, 2019.

VELASCO, Patrícia Del Nero. O que pensamos nós, formadores/as de professores/as, Sobre formação docente em filosofia? *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, v. 2, n. 34, p. 12-33, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.v2i34.35127>.

VELASCO, Patrícia Del Nero. Sobre a virada discursivo filosófica do ensino de filosofia: o legado argentino e a problemática do campo. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 51, p. 335-362, 2022b. DOI:

<https://doi.org/10.32334/oqnf.2022n51a924>. Disponível em: <https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/download/924/729/1875>.

VELASCO, Patrícia Del Nero. O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras. *Pro-Posições*, Campinas, São Paulo, v. 33, p. 1-26, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0018en>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qkr7MFLVxyCh6kPcfMtV4pK/abstract/?lang=pt>

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico filosófico*. São Paulo: Nacional. 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova cultural, 1999.

Data de registro: 02/07/2024

Data de aceite: 19/02/2025